



4144 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT02 - História da Educação

A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: A PARTIR DO ROMANCE OUTROS CANTOS DA ESCRITORA MARIA VALÉRIA REZENDE

Kedna Karla Ferreira da Silva Macau - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Wanderléia Farias Santos - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de Doutorado em Educação que se encontra-se em andamento. A proposta é elucidar as potencialidades da literatura enquanto documento, fonte histórica, compreendendo a mesma como lugar de memória. Esse estudo que é desenvolvido em articulação com o romance *Outros Cantos*, da autora Maria Valéria Rezende, entende, que a literatura que é tecida por lembranças, construídas a partir do que foi vivido, experimentado, observado, conectada nas fronteiras do real e do inventado – ficção (CHARTIER, 1990).

A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA: A PARTIR DO ROMANCE *OUTROS CANTOS* DA ESCRITORA MARIA VALÉRIA REZENDE

RESUMO: Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de Doutorado em Educação que se encontra-se em andamento. A proposta é elucidar as potencialidades da literatura enquanto documento, fonte histórica, compreendendo a mesma como lugar de memória. Esse estudo que é desenvolvido em articulação com o romance *Outros Cantos*, da autora Maria Valéria Rezende, entende, que a literatura que é tecida por lembranças, construídas a partir do que foi vivido, experimentado, observado, conectada nas fronteiras do real e do inventado – ficção (CHARTIER, 1990).

Palavras-chave: Literatura, Memória, História da Educação.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é analisar o papel da literatura enquanto fonte de pesquisa para o fazer historiográfico em História da Educação, com base na obra literária *Outros Cantos* da escritora Maria Valéria Rezende. A discussão em tela, é sobre as potencialidades da literatura, como possibilidade de fonte para as pesquisas em História da Educação. Com este estudo visa-se responder a seguinte problemática: De que forma, podemos utilizar a literatura enquanto fonte histórica para as pesquisas em História da Educação?

A literatura enquanto fonte, apresenta-se como um leque de leituras possíveis de um mesmo tempo histórico, capaz de revelar indícios de como homens e mulheres foram se inscrevendo na história, e os modos de sociabilidades destes através dos acontecimentos, dos cotidianos, e das memórias que foram vividas, mas, que nem sempre foram escritas (GALVÃO, 1996). Compreendemos os textos literários de ficção para além de uma visão dualista do verdadeiro e do falso. De acordo com Pesavento (2003) os textos literários de ficção:

Não somente reestabelece o imaginário como fundamento do ser, como capacidade humana originária, possível de recriar o mundo por um mundo paralelo de sinais e de nele viver; [...]. Estamos pois, diante de uma construção social da realidade, obra dos homens, representação que se dá a partir do real, que é recriado segundo uma cadeia de significados partilhados. (PESAVENTO, 2003, p.35).

A literatura, precisa ser interpretada sob as alusões feitas por Pesavento (2003) de que, o “entrelaçamento entre o discurso e o real” encaminha a escrita da história para “uma ficção ou fabricação do passado” (PESAVENTO, 2003, p. 35). A obra *Outros Cantos* da escritora literária Maria Valéria Rezende, representa uma ampliação das fontes para pesquisadores da História da Educação brasileira, que buscam compreender as metamorfoses de um tempo histórico, que carregam como marca o silêncio das muitas vozes, as quais ganham fôlego nesta obra, que foi vencedora do prêmio Jabuti do ano 2015 por ser reconhecida como melhor livro do ano.

APONTAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Metodologicamente as discussões pautam-se na perspectivas da Nova História Cultural, e nos estudos da literatura enquanto fonte de pesquisa, em articulação com o uso da memória para o fazer historiográfico. Tentamos construir uma reflexão ancorada nas propostas de Roger Chartier (1990) que, ao reconhecer a literatura como uma fonte histórica, opera uma ruptura com algumas matrizes teóricas comuns a algumas vertentes mais tradicionais da crítica literária. Deste modo, rompe com algumas intenções de cunho da historiografia marxista e, assim, com a Primeira e a Segunda Geração dos Annales, pois, ele idealiza uma metodologia que trate as fontes ficcionais como fontes históricas.

Nesta perspectiva, a tessitura deste trabalho de doutoramento em educação, que encontra-se em andamento, pretende somar juntamente ao acervo historiográfico da História da Educação Brasileira, constituindo-se com base nos pressupostos da História Cultural, e mais especificamente sob o entendimento das concepções de Roger Chartier. Estando ele à frente da Terceira Geração dos Annales - movimento francês que ocorreu a partir do ano de 1970, e ficou conhecido por – Nova História Cultural, devido ao novo olhar que foi dado a

antigos objetos, onde outras referências que não mais a Sociologia ganham espaço, como a Antropologia, e a Teoria Literária.

AS POTENCIALIDADES DA LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA

Ao pesquisarmos sobre a literatura como objeto de estudo, fonte de pesquisa e tentarmos responder de que forma é possível identificarmos as potencialidades da fonte literária para as pesquisas em História da Educação, concordamos com Lopes (2005) quando a mesma afirma que:

A literatura é uma fonte potencialmente rica para a história e sobretudo para a história da educação; ela pode oferecer uma chave instigante, levantar algum dado desprezado pela historiografia corrente que se vale a penas de documentos oficiais escritos como fonte. Mas, se a literatura for usada como única fonte, ou como fonte única, pode provocar alguns equívocos. Assim, o trabalho de produção de fontes, de sua articulação, tematização, rearticulação deve ser exaustivamente praticado; nem o narrador, nem o autor podem estar ausentes - como referências para a construção do objeto histórico - de qualquer análise de dados, que porventura, o texto traga. A interlocução entre narrador, autor e historiador não é apenas necessária é indispensável. Trata-se de, tendo como fio as questões que conduzem o trabalho, costurar os tempos em que foram e são construídas as histórias; além desses (narrador e autor e historiador), é preciso que também o contexto esteja presente. Não me refiro aqui apenas a contexto econômico, social, político e cultural, mas, ao contexto de inserção cultural do texto. Estou me referindo, sim, a outros textos com os quais os dados que se extraem de um texto literário podem e devem ser confrontados. É dentro de uma intertextualidade que é possível escrever uma história que tenha a literatura como fonte, pois, a matéria prima da história não é outra, se não textos (aqui entendidos em sentido amplo) a serem lidos e interpretados. Mas, é importante, também, lembrar que a literatura é muitas vezes, a única fonte quando há o desaparecimento de arquivos e houve (e há) a sistemática não responsabilidade pela guarda de documentos [...] (LOPES, 2005.p.165,166).

As afirmativas acima, revelam que os limites e as potencialidades da literatura enquanto fonte de pesquisa histórica dependem do trato do pesquisador com a mesma. Assim, como qualquer outro tipo de fonte, ela nada tem a revelar ao pesquisador, sem que este te faça perguntas, e provoque as tensões que são próprias do contexto de sua narrativa, e/ou do contexto histórico de sua produção. É no cruzamento com outras fontes históricas, nestes entrelaçamentos de fontes, tempos e espaços propostos por Lopes (2005), que a literatura ocupa lugar de fonte para o fazer historiográfico, para isto, também é necessário que o pesquisador conheça as especificidades que são próprias deste tipo de documento.

A obra literária *Outros Cantos* de Maria Valéria Rezende, ocupa o lugar de fonte com base na concepção de Chartier (1990), que acontece na contramão das análises que compreendiam as fontes literárias como reflexo de uma realidade material que a antecedia e explicava. Para o autor, importa saber o processo de construção histórica de um sentido, que acontece entre representações, práticas e apropriações, o qual deve ser reconstituído na sua descontinuidade. (CHARTIER,1990). Assim, a leitura desta obra está sendo realizada numa relação de dupla-temporalidade, pois, ao mesmo tempo, que nos faz voltarmos ao contexto do Século XX (1964-1984), nos provoca a pensarmos sobre um outro contexto histórico, o ano de sua produção, que foi no século XXI (2016), pois, só assim é possível desvelarmos as nuances que são inerentes ao tempo da trama, e ao tempo de sua produção, tendo em vista a relação narradora-autora. Compreender essas relações nos permite entender o lugar social pertencente a autora, que de acordo com Galvão (1996), a narrativa é o resultado de uma interpretação do autor, por sua vez, é parcial e limitado às condições históricas e culturais do seu lugar social.

A LITERATURA COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Pensar sobre o papel da memória na construção das narrativas literárias, seja - romance, poesia, contos, enfim, significa refletirmos sobre a memória no ato de narrar. Pois, assim como Bosi (1994) ao buscarmos compreender as múltiplas possibilidades de pensarmos sobre memória e literatura, tentamos adentrar a essa discussão pelo viés do entendimento de que “lembrar é narrar, e narrar é lembrar” (BOSI, 1994).

A obra *Outros Cantos*, é tecida a partir desse entrelaçamento que a autora Bosi (1994) discute, sendo a memória, fonte histórica a qual Maria - personagem - narradora, recorre do início ao fim de sua narrativa através da evocação de lembranças, ratificando que “lembrar é narrar, e narrar é lembrar” (BOSI, 1994). Maria-narradora, apresenta ao leitor sua trajetória de educadora popular, a partir dos fios de sua memória que vão sendo urdidos no diálogo entre presente e passado. Nesse processo, práticas educativas são rememoradas, as quais estavam situadas num contexto político e ideológico que dialoga com os pressupostos da Educação Popular.

Através da criação de personagens com perfil popular, podemos identificar cotidianos de homens, mulheres e crianças, sujeitos simples que se encontravam socialmente excluídos. É um traço da literatura Rezendeana, dar voz a essas pessoas das camadas “vista de baixo”, que apesar do pouco ou nenhum acesso as letras, tiveram outros saberes, os quais vão sendo identificados no diálogo de Maria com uma memória coletiva, que está diretamente relacionada ao lugar social ocupado pelos personagens: no rememorar de cenas, cotidianos, práticas e costumes de cada um. O que Halbwachs (1990) chamaria de uma “memória social”, pois, embora essas lembranças partam de um pensamento singular representam uma coletividade, onde nesse movimento, o sujeito faz um exercício de cruzar esse individual-coletivo ao compartilhar de outras instituições sociais como família, ideologia política, profissão, religião, etc.

Compartilhamos dessa concepção de “memória social” para pensarmos sobre o processo de construção das narrativas literárias, Halbwachs (1990) diz que a memória se constitui nas relações com outros grupos sociais, sejam estes reais, ou imaginários, pois, quando exercemos o ato de lembrar sobre algo, ou algum acontecimento, transitamos de um grupo a outro em pensamento, representando-o através da linguagem, bem como, por meio de uma construção simbólica. Neste sentido, literatura e memória versam aqui sob o entendimento que:

[...]A ficção e a memória, bem como o cruzamento das duas, permitem revelar práticas, costumes, tensões, cotidianos, e modos de ser, pensar e fazer das pessoas, ou seja, a configuração de uma sociedade, estabelecida desde o tecido formado por todas as reações que ai se concretizam. (NUNES; FIALHO; MACHADO, 2016,p. 794).

Ao lançarmos nosso olhar para o romance em estudo, compreendemos que o universo de suas narrativas que foram tecidas a partir da evocação de lembranças, são capazes de reinterpretar um contexto histórico, no qual os personagens representados foram mantidos historicamente as margens da sociedade, a ocupar espaços sociais destinados as camadas desfavorecidas. Logo, a literatura como fonte:

[...] seja de cunho realista, dispendo-se a dizer sobre o real por forma de observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica, ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela recuperação idealizada de um passado distante, ou próximo, a Literatura é sempre um registro privilegiado – do seu tempo. (PESAVENTO,2003, p.40).

Nesta perspectiva, trabalharmos com o conceito de memória se faz fundamental para melhor dialogarmos com nossa fonte – a literatura, a qual foi tecida na mobilização desta memória – real ou imaginária, ou ainda – real e imaginária. Trabalhar o conceito de memória é fundamental para a compreensão do significado que esta palavra ocupa do início ao fim do romance. Memória e rememorar são termos que estão constantemente presentes, sendo pois através de um processo de rememoração que Maria- narradora, apresenta sua trajetória de educadora popular.

CONCLUSÃO

Outros Cantos, corrobora para a compreensão de que a literatura é produto de uma determinada cultura, que reflete tensões e transmite valores, normas, concepções, mitos e modos de sociabilidades de determinados sujeitos em diferentes tempos e espaços históricos. Sua leitura exige, uma compreensão acerca dos mecanismos da literatura e suas relações com a memória: individual- coletiva. Compreendeu-se também de acordo com Chartier (1990), que uma das potencialidades da literatura - é revelar as representações do mundo social.

Neste exercício que ocupa a literatura de Maria Valéria Rezende, como fonte histórica para o constructo desse estudo, seguimos na direção estabelecida entre literatura - história, ficção - verdade, que de acordo com Sevcenko (1983), a literatura é um terreno construído com base em trocas, ou seja, de intercâmbios, de confrontos. Para o autor:

A obra literária é, antes de mais nada, um produto artístico, destinado a agradar e comover, mas, está ao mesmo tempo condicionada pela sua sociedade e o seu tempo, de onde o escritor retira os seus temas, valores, normas ou revoltas" (SEVCENKO, 1983, p.20).

As afirmativas do autor, revelam a intrínseca relação de dependência de uma obra literária com o tempo histórico no qual foi produzida, integram o lema de Chartier (1990) de que a literatura é uma fonte de plenitude histórica. Assim, compreendemos a literatura como uma narrativa, que tem suas potencialidades identificadas em suas relações entre linguagem, história e memória, tendo como matéria-prima o real e a ficção, Chartier (1990).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras:1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand.1990.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Problematizando Fontes em História da Educação**. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 21,99-18, Jul./ Dezembro,1996.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas**. Educação, Santa Maria, v.30-n.02, p.157-176,2005. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>

NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José Santos; FIALHO, Lia Machado Fiuza.**Reflexões em torno da relação entre história e literatura**. Quaestio: Revista de Estudos de Educação, v. 18, p. 793-805, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto:**leituras da História e da Literatura**. História da Educação, ASPHE/ FAE, UFPEL, Pelotas, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1983.